

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 6º e 7º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-225-3



9 788581 712253

VENDA PROIBIDA

Barbie Furtado

Ilustrações Emanuel Oliveira



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Barbie Furtado
Ilustrações Emanuel Oliveira

O DIA EM QUE O MUNDO PAROU



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

Fortaleza • Ceará

Governador
Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário da Educação
Rogers Vasconcelos Mendes

Secretária-Executiva da Educação
Rita de Cássia Tavares Colares

*Coordenador de Cooperação
com os Municípios (COPEM)*
Márcio Pereira de Brito

*Orientadora da Célula
de Apoio à Gestão Municipal*
Gilgleane Silva do Carmo

*Orientador da Célula
de Fortalecimento da Aprendizagem*
Idelson de Almeida Paiva Júnior

*Orientadora da Célula
do Ensino Fundamental II*
Ana Gardennya Linard Sírío Oliveira

*Coordenação Editorial,
Preparação de Originais e Revisão*
Kelsen Bravos

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Dias

Design Gráfico
Emanuel Oliveira
Eduardo Azevedo

Revisão Final
Marta Maria Braide Lima
Sammya Santos Araújo

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Sammya Santos Araújo
Antônio Êlder Monteiro de Sales
Sandra Maria Silva Leite
Antônia Varela da Silva Gama

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F993d Furtado, Bárbara Amaral de Andrade.

O dia em que o mundo parou / Bárbara Amaral de Andrade Furta-
do; ilustrações de Emanuel Oliveira. - Fortaleza: SEDUC, 2018.

44p. il.

ISBN 978-85-8171-225-3

1. Literatura infantojuvenil. I. Oliveira, Emanuel. II. Título.

CDU 028.5



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

SEDUC - Secretaria da Educação do Estado do Ceará
Av. Gen. Afonso Albuquerque Lima, s/n - Cambeba
Fortaleza - Ceará | CEP: 60.822-325
(Todos os Direitos Reservados)

Sumário

ESSE MAR NÃO TÁ PRA PEIXE.....	5
O SOL NASCEU PELO OESTE UM DIA.....	13
E FOI UM DEUS NOS ACUDA.....	21
CIDADE ALERTA	27
SOL, UM GRANDE AMIGO SOL	33



CAPÍTULO 1

**ESSE MAR
NÃO TÁ PRA PEIXE**

— Pai, tem certeza que tá fazendo isso direito? – Clara perguntou, olhando atentamente para José, que puxava mais uma vez a rede vazia para dentro do barco, enquanto segurava uma vara de pescar quase do seu tamanho.

— Claro que tenho, minha filha – José respondeu, jogando a rede mais uma vez, tentando alcançar o mais longe possível – faz quase trinta anos que eu saio todo dia daqui do Mucuri, antes do nascer do sol, para pegar os peixes e vendê-los fresquinhos na barraca. Claro que estou fazendo direito.

A menina de nove anos podia sentir a frustração na voz do pai e achou que deveria ter ficado calada, mas não conseguiu.

— Mas então por que não tem nenhum peixe? – Clara perguntou, bem cuidadosamente. Já tinha vindo com o pai várias outras vezes em suas pescarias, durante as férias, e o mar estava sempre cheio de peixes. Nesse dia, no entanto, não havia nenhum.

— Eu... – José parou por um instante, pensativo – sei lá, menina – o homem respondeu, coçando a testa e puxando a rede mais uma vez. Nada.

— Vai ver eles tão com frio hoje – a garota resolveu ajudar – não acha que tá mais frio e escuro que o normal? – ela perguntou.

— Um pouco, tá mesmo – o pai concordou, olhando para o céu, coberto de nuvens quase pretas. Talvez fosse chover e tivesse mesmo afastando os peixes do dia.

— PAI! PAI! – Clara gritou, de repente, tirando José de seus pensamentos – eu peguei alguma coisa, me ajuda aqui – a menina puxava a vara com toda a força, e não parecia sair do lugar. José correu para o lado dela e ajudou a enrolar o carretel. O que quer que Clara tivesse pego era realmente muito pesado. Esperava que fosse um peixe muito grande e não um pequeno tubarão, que às vezes chegava mais perto da orla, pois não podia vender essa espécie no Mercado dos Peixes. Puxaram, puxaram até tirar, completamente do mar, o produto da pescaria.

— UM SACO DE LIXO? – Clara estava injuriada – por que as pessoas jogam lixo na praia? Pra enganar as crianças que acham que vão pegar peixes? É bem por isso que os peixes foram embora, né, pai? Ninguém quer morar num lugar sujo desse.

— Calma, filha! – José passou a mão na cabeça da menina, tentando consolá-la – você está certa, ninguém deve mesmo jogar lixo na praia. Os peixes acabam indo embora, as pessoas não podem tomar banho...

— E fica tudo com cheiro de cocô – a menina completou.

— Isso também.

— Então é por isso que não tem peixe hoje, pai? O que é que o senhor vai fazer se não tiver o que vender?

José respirou fundo. As coisas estavam bem mais apertadas em casa desde que o bebê tinha nascido, e passar um dia sem vender nada, certamente pesaria em seu bolso. Mas não queria preocupar a filha.

— Ainda é cedo, minha filha – ele disse – o sol ainda nem saiu. Os peixes têm de aparecer uma hora ou outra.

Clara ia responder quando viram, na escuridão, a luz de outro barco se aproximando.

— Ei, Carlão – José gritou, um pouco mais alto do que normalmente gritaria para não assustar os bichos que queriam capturar – você já pegou algum peixe hoje? Aqui não tem um que seja.



— Peguei nada, Zé, eu já ia lhe perguntar. Onde que esses diachos se meteram, hein? – Carlão, com a metade do tamanho e o dobro do peso de José, estava em pé no meio do barco, olhando para frente e para os lados, curiosamente.

— E eu é que sei? Talvez agora com o sol, eles comecem a aparecer – José ponderou. Os primeiros sinais do amanhecer já brotavam mar adentro, e José podia sentir um pouco de calor e luz.

Carlão olhava para trás de José e Clara, com um rosto de puro pavor.

— Valha, minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Jesus Maria José!!! – Carlão fez o sinal da cruz e descansou a mão no peito, boquiaberto.

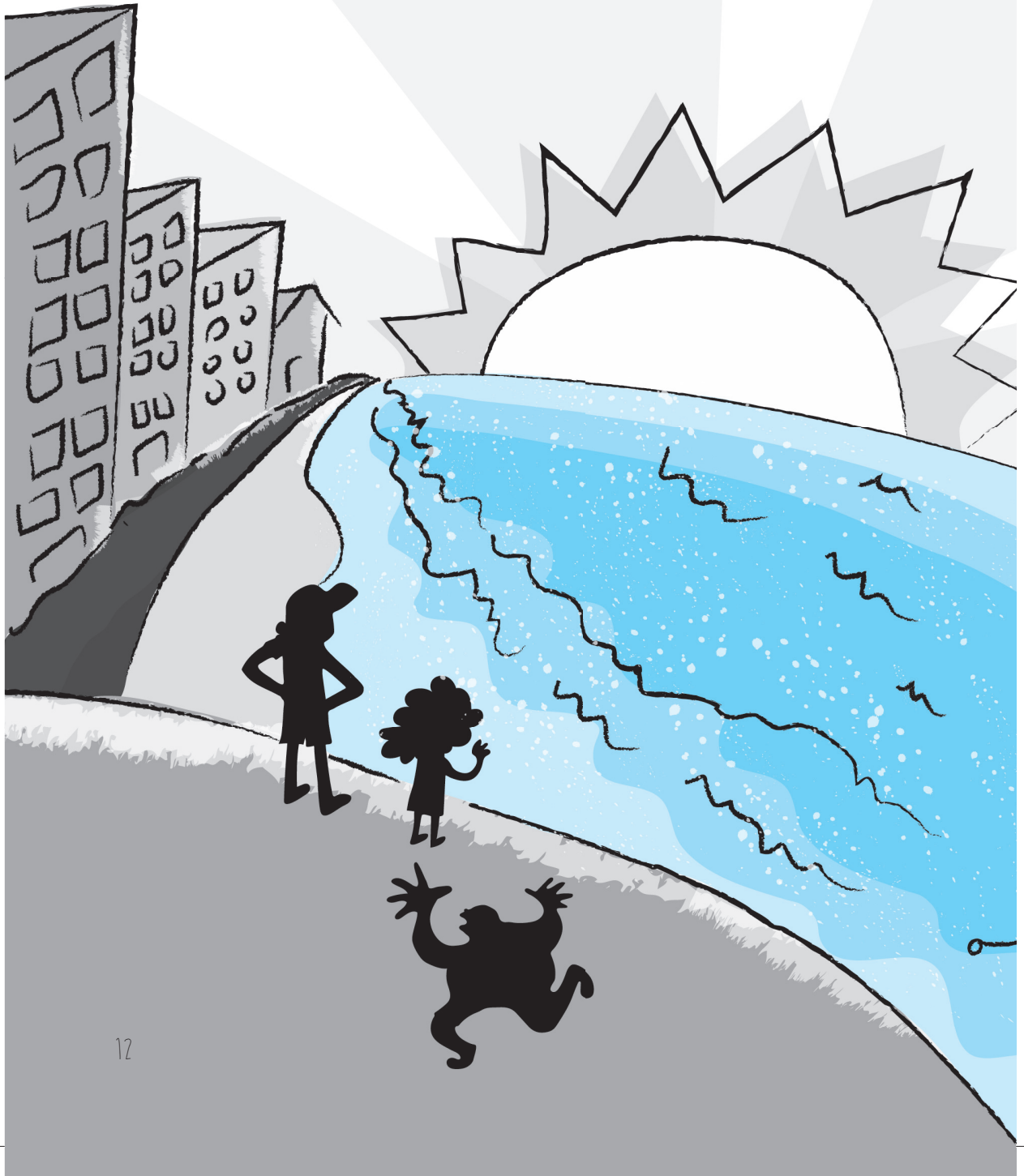
— O que foi, Carlão? – José perguntou, preocupado.

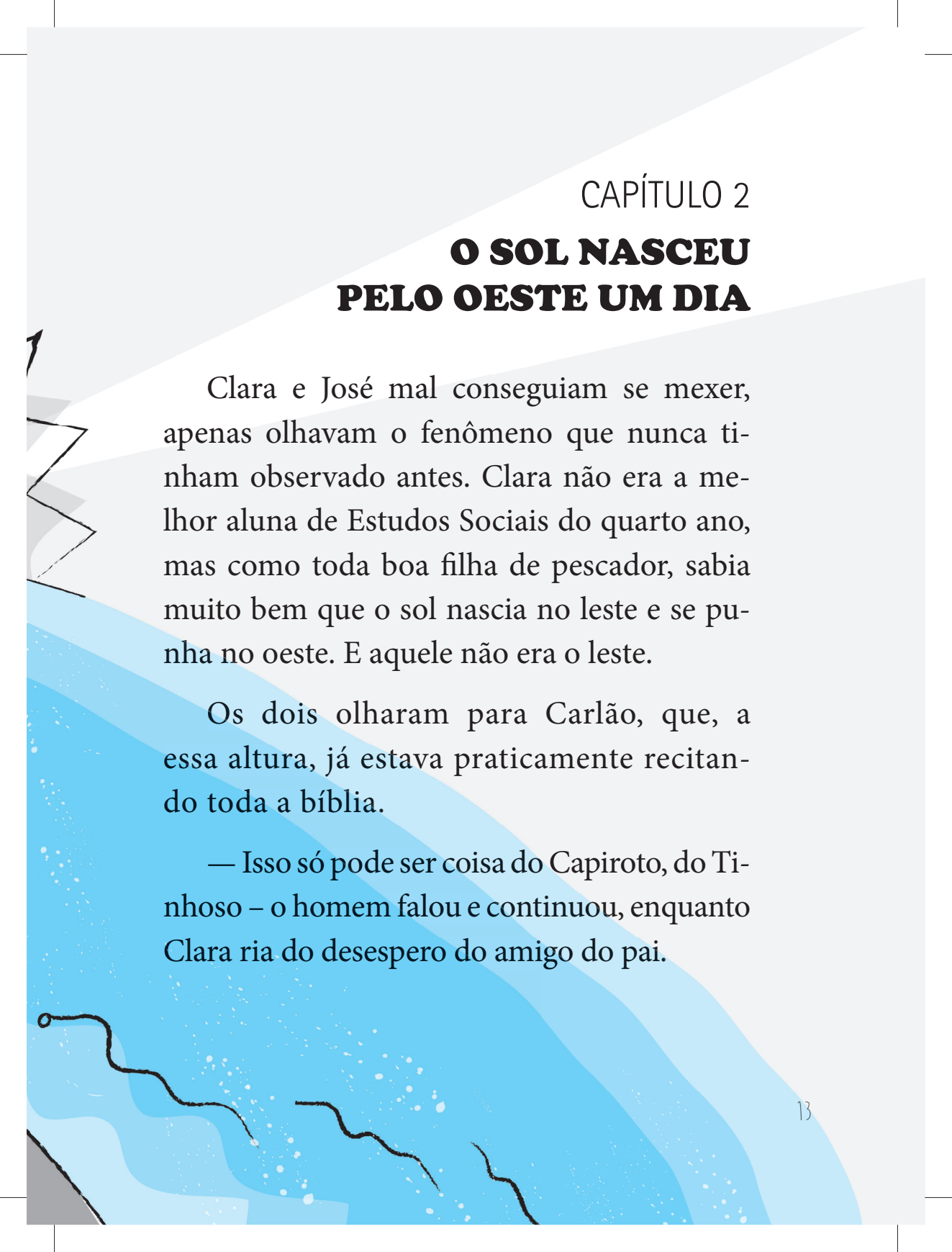
Carlão tentava falar e não conseguia. Apenas apontava, imediatamente, trazendo a mão ao peito novamente.

— Será que tem um monstro atrás da gente, pai? – Clara perguntou e se agarrou ao braço do pai – olhe você, que eu tou com muito medo. AI SERÁ QUE ELE VAI COMER A GENTE? – a menina cobriu os olhos.

— Claro que não tem monstro nenhum, menina, deixe de ser aloprada – José puxou Clara e os dois viraram ao mesmo tempo. E não podiam acreditar no que estavam vendo.

— Pai? – Clara falou baixinho, meio sem entender, meio sem acreditar – por que o sol tá nascendo no lado contrário?





CAPÍTULO 2

O SOL NASCEU PELO OESTE UM DIA

Clara e José mal conseguiam se mexer, apenas olhavam o fenômeno que nunca tinham observado antes. Clara não era a melhor aluna de Estudos Sociais do quarto ano, mas como toda boa filha de pescador, sabia muito bem que o sol nascia no leste e se punha no oeste. E aquele não era o leste.

Os dois olharam para Carlão, que, a essa altura, já estava praticamente recitando toda a bíblia.

— Isso só pode ser coisa do Capiroto, do Tinhoso – o homem falou e continuou, enquanto Clara ria do desespero do amigo do pai.

— Pai, você acha que isso é coisa do diabo mesmo? – ela indagou, não necessariamente preocupada, só para tirar a dúvida mesmo.

— Claro que não, minha filha. Deixe de dizer besteira, deixe. O Carlão não sabe do que tá falando não. Ele é muito do medroso. Agora, vamos voltar pra praia que sua mãe tá lá com o Miguel – José olhou procurando Carlão, para chamar o amigo de volta com eles, mas ele já havia desaparecido.

Voltaram o mais rápido que puderam. José amarrou o barco e pegou Clara pela mão, puxando a filha e andando bem rápido.

— Ai, pai – a menina protestou, mas ele não queria conversa. Já havia começado a comoção quando os outros pescadores retornavam de suas jornadas, todos sem uma única piaba.

Juntaram-se à multidão, que estava em círculo, falando uns por cima dos outros.

— Deve ser coisa do demônio – ouviram a voz de Carlão falar, e Clara arregalou os olhos. Com certeza, não tinha nada de sobrenatural nisso tudo, né?

— Olhe, pai – um menino meio magrelo só de calção de banho e chinela de dedo veio correndo e puxou Carlão. A multidão seguiu – olhe o que o Miojo tá fazendo! Ele vai ficar tontinho – um cachorro vira-lata, tão magrelo quanto o garoto, dava voltas e mais voltas em torno de si mesmo, como se tentasse pegar o próprio rabo, mas não dava sinal de brincadeira nem de que pararia em nenhum momento próximo.

Clara riu.

— Para, Miojo! – disse a garota – você vai é provocar se ficar rodando assim – ela se aproximou do animal, tentando tocá-lo, mas ele continuava a girar na mesma velocidade.

— Tá vendo? – Bentinho, filho de Carlão, falou, apontando para o cachorro.

— Eu hein, acho que o Miojo fez foi pirar – Clara concluiu.

— Que demônio o que, Carlão – Sr. Antônio, outro dos pescadores, voltou para a conversa – esse negócio de cão não existe. Isso é coisa do homem que fica mexendo com a natureza.

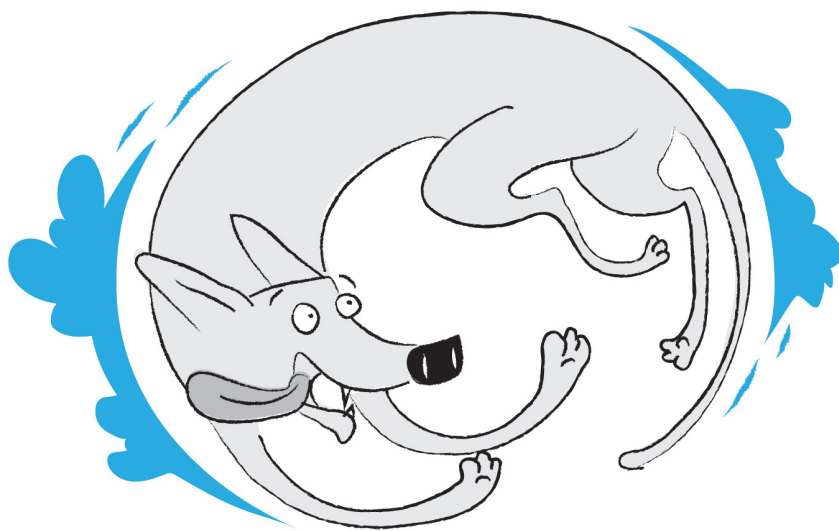
— Seu Antônio, eu até entendo o que isso tem a ver com os peixes terem sumido – Clara falou – mas o que o Sol tem a ver com isso?

— Ah, minha filha, eu não sei não. Mas deve ter alguma coisa a ver.

Clara não parecia convencida. Ia falar mais alguma coisa quando o *pleft* chamou sua atenção.

— Você está bem, Miojo? – a menina perguntou, olhando meio apavorada para o cachorro que tinha caído durinho.

— Liga não – Bentinho disse, sorrindo – daqui a três minutos certinhos, ele acorda.



Dona Mundica trabalhava em sua horta como fizera todos os dias desde menina. Cultivava todos os tipos de planta, das rosas mais cheirosas às orquídeas mais bonitas, aos mais graciosos girassóis. Também cultivava todos os tipos de raízes medicinais – bastava alguém passar na porta de sua casa que ela já ia oferecendo um chazinho.

Naquela manhã, ao levantar cedo da cama, mesmo antes do nascer do sol, e sair para aguar todas as suas plantas, percebeu que havia um grande silêncio. Normalmente, a essa hora, os pássaros já davam bom dia com suas belas canções. Mas... nada. Absolutamente, nenhum barulho, fora o arrastado de suas chinelas no caminho de concreto.

De tanto costume, seus olhos logo se adaptaram à escuridão e podia ver seu quintal dos fundos em sombras. A primeira coisa

que notou foi o amontoado de formigas fora de suas casas. Não sabia se procuravam por comida ou abrigo, mas certamente pareciam confusas. Em vez de andarem em linha reta, para frente, carregando uma folha ou resto de fruta em conjunto como geralmente faziam, rodavam em círculos, de frente para trás. Certamente, não era seu comportamento usual. Dona Mundica as observou por um minuto, mas algo mais preocupante lhe chamou atenção...

Não poderia... Não! Correu para observar as flores mais de perto, para ter certeza que, o que via, era de fato real. Minha nossa! Os seus girassóis tinham, de fato, virado para o lado oposto, o que não fazia sentido nenhum.

— Isso não pode ser sinal de coisa boa – a velha senhora murmurou, e correu em disparada morro abaixo.



CAPÍTULO 3

E FOI UM DEUS NOS ACUDA

— Pai, a gente tem que ir também? – Clara perguntou a José, observando todas as pessoas ao redor, correndo para a Capela São Pedro dos Pescadores. A Igrejinha, em frente ao Mercado dos Peixes do Mucuripe, parecia muito pequena para o amontoado de gente que entrava nela a cada segundo.

— Claro, minha filha. Sua mãe e o Miguel já tão é lá – o pai falou, e Clara foi devagarzinho atrás dele.

Quando atravessaram a rua, a igreja já estava tão lotada que foram ficando do lado de fora. Bentinho parou ao lado deles, com Miojo nos braços. O cachorro estava acordado, sem latir, porém, inquieto.

Ouviam Carlão gritando lá dentro, rezando Pai Nosso, Ave Maria e todas as outras orações que ele conseguia lembrar. Nem o Padre conseguia tirar o microfone dele. Certamente, acalmaria as pessoas que tinham vindo à casa do Senhor em busca de conforto, caso tivesse a palavra.

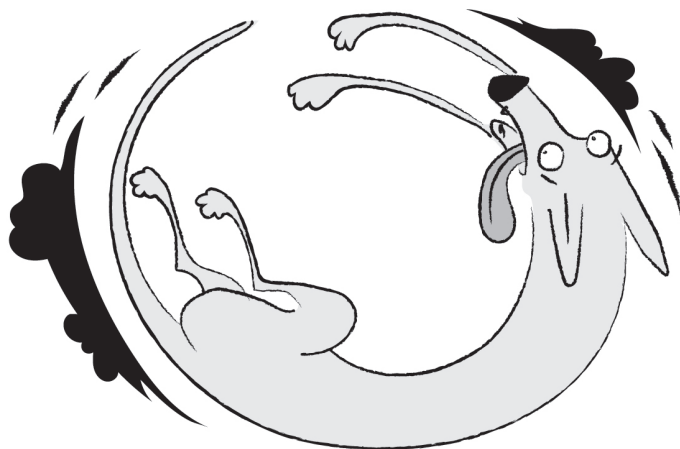
A velha senhora parou ao lado deles ofegante. Olhava para o céu, para os lados, para Miojo que se debatia nos braços de Bentinho, para a multidão na igreja, mas nada falava.

— Oi, dona Mundica – Bentinho falou – a senhora viu essas paradas aí, do sol nascer ao contrário?

— Se eu vi, meu filho. Se eu vi – ela olhou, intensamente, para ele, depois para Miojo, e o menino deu dois passos para trás.

— Meu filho, faz um negócio aí pra mim, faz. Bota esse cachorro no chão – ela falou, e Bentinho, apesar de relutante, cuidadosamente, colocou Miojo no chão bem a sua frente.

Dito e feito, o cachorro começou a rodar novamente em torno de si mesmo, numa velocidade que parecia fora do normal.



— Bem que eu imaginei – dona Mundica falou.

— Imaginou o que, dona Mundica? – Bentinho perguntou, mas a velha já estava entrando na igreja – dona Mundica! – o menino gritou – o que o Miojo tem? – mas não houve resposta.

— Você acha que ela é mesmo uma bruxa? – Clara perguntou, e os meninos se olharam, meio confusos, meio assustados.

Quando dona Mundica entrou na igreja, o silêncio reinou. Até Carlão parou de falar por um momento. As pessoas se afastaram o máximo que conseguiram na multidão, liberando espaço para a velha passar, até que ela, andando calmamente, chegou ao altar.

— Bom dia, Carlão – ela falou, e Carlão lhe entregou logo o microfone, e, sem dizer uma palavra, saiu dali quase correndo.

— Dona Mundica, o que a senhora acha que tá acontecendo? – gritou uma pessoa na multidão.

— Dona Mundica, a senhora acha que é o fim dos tempos? – gritou outra ao mesmo tempo.

— Você sabe de alguma profecia? – perguntou uma terceira.

— Bom dia a todos – dona Mundica começou falando calmamente - por que não começamos sentando, respirando um pouco e tentando nos acalmar? Eu não tive tempo de fazer chazinho para todos, mas estão todos convidados para minha casa mais tarde, terei o maior prazer de fazer chá com bastante camomila.

E assim, as pessoas começaram a sentar, respirar e se acalmar, sabendo que não sairiam dali tão cedo.



CAPÍTULO 4

CIDADE ALERTA

— Tá acontecendo alguma coisa aqui? – uma moça de fones de ouvido cor-de-rosa, combinando com a blusa, as calças e os tênis de corrida parou ofegante em frente à igreja – a paróquia da Nossa Senhora da Saúde que estava com gente saindo pelas portas também – seu olhar era apreensivo, e o tom de sua voz levemente temeroso.

— Você não viu, moça? – Clara falou – o sol nasceu do lado errado hoje. O mundo tá acabando.

— Como? – a moça puxou o celular e mexeu nele por alguns segundos, seu rosto ficou cada vez mais preocupado – valha-me, Jesus!

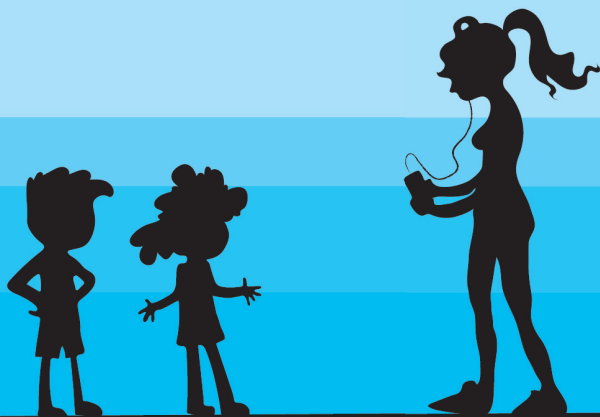
— A gente tá aqui só esperando – Benti-
nho completou – olhe aqui o meu cachorro

– o garoto apontou para Miojo que ainda rodava como um carrossel.

— Deixem de assustar a moça, moleques – José falou – olhe, senhora, desculpe por esses meninos, viu? Ninguém sabe o que tá acontecendo aqui não. Mas que têm umas coisas estranhas acontecendo, têm.

— É verdade isso do sol? – a moça perguntou.

— É sim – José respondeu – mas não se preocupe não, viu? O mundo não tá acabando não, é exagero desses meninos.



— E você acha que tá acontecendo o que, se não é o fim do mundo, pai? – Clara perguntou, mas a moça já saía digitando bem rápido no telefone.

— Sei não, minha filha, mas acho que se o mundo fosse acabar, ia ser pior do que os peixes sumirem e esse cachorro abestado tentando pegar o rabo – José apontou para Miojo.

— Acho que sim – Clara falou, mas não tinha tanta certeza.

— Ela já falou alguma coisa? – Antônio chegou perto de José e dos meninos e perguntou, mas todos balançaram a cabeça.

Já eram mais de duas horas da tarde e, a essa altura, a praia já estava lotada. Parecia que toda a cidade de Fortaleza havia decidido ir para o mesmo local, ver o que estava acontecendo.

Todas as emissoras de televisão estavam no local, e Bentinho já tinha falado com um repórter sobre o comportamento estranho de Miojo durante o dia. Especulava-se sobre o fim do mundo, magia negra, profecia maldita e tudo que pudesse imaginar, mas ninguém podia explicar o que estava acontecendo.

Ao longo do dia, foram notando outras coisas que pareciam diferentes. Os pássaros, assim como os peixes, não só não haviam cantado aquela manhã, mas haviam desaparecido completamente. O rapaz que trabalhava no mercadinho disse que todas as frutas plantadas no quintal dos fundos da loja ficaram maduras do dia para noite, até aquelas que estavam fora de época. O mar não estava mais dando onda, por volta do meio-dia, tinha parado completamente e estava como se fosse uma lagoa.



Agora já se sabia o caminho que o sol fazia: ele ia em direção ao leste. Não só havia nascido no lado oposto, mas também se poria no lado oposto. Centenas de milhares de pessoas já estavam à beira-mar, esperando para ver o fenômeno, com suas câmeras, com seus olhos. O medo era notável, mas o fascínio mais ainda.





CAPÍTULO 5

SOL, UM GRANDE AMIGO SOL

Já eram mais de quatro horas da tarde quando dona Mundica, finalmente, começou a falar. Pelas horas anteriores, mesmo sem dizer uma única palavra, de alguma forma, a senhora conseguiu manter todos calmos. Foi um dia cheio de promessas e orações na Capela São Pedro dos Pescadores.

Clara e Bentinho correram para dentro, queriam ouvir a velha senhora, que todos na comunidade especulavam que ela tinha poderes mágicos. Arranjaram um lugar apertadinho e sentaram lá na frente, no chão, em frente ao altar. José não pôde correr atrás, nem havia espaço para um adulto passar entre tantas pessoas, e alguém precisaria ficar vigiando Miojo.



— Acho que todos que estão aqui perceberam que as coisas hoje aconteceram um pouco diferente que o normal – dona Mundica começou.

— Mentira! – um engraçadinho tentou falar na plateia, mas um olhar da senhora fez ele se tremer todinho.

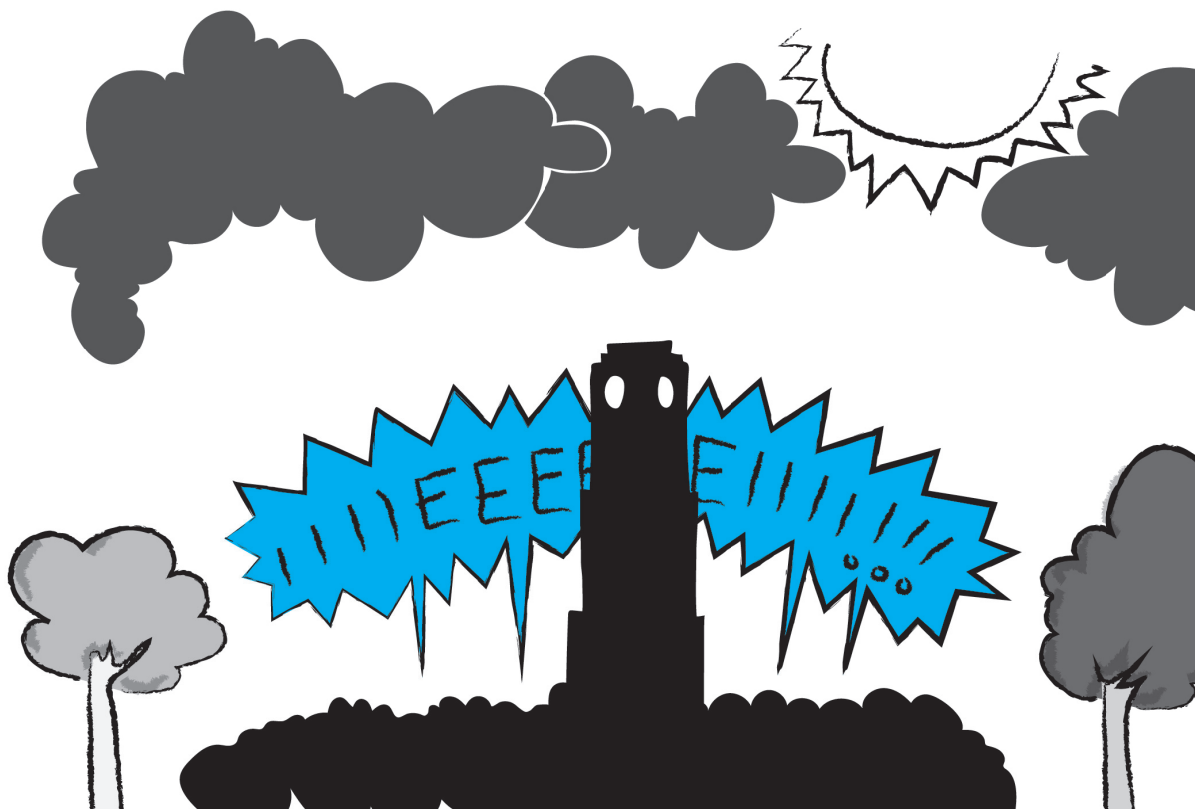
— Pois bem. Nós, como seres humanos, temos a mania de pensar que somos donos da natureza, e não que somos parte dela. Não pensamos em nossas ações do dia a dia, que o equilíbrio de nossas vidas depende do funcionamento perfeito de todas as suas funções, dos dias, das horas, do lugar que o sol nasce, do lugar que o sol se põe. E o que nós fazemos? Vivemos sem nos importar com as consequências. Eu lembro, quando era bem menina, uma vez que a cidade se juntou, no que é hoje a Praça do Ferreira, para vaiar o sol, vocês acreditam nisso?

— VAIAR O SOL? – Clara perguntou indignada – como assim, dona Mundica?

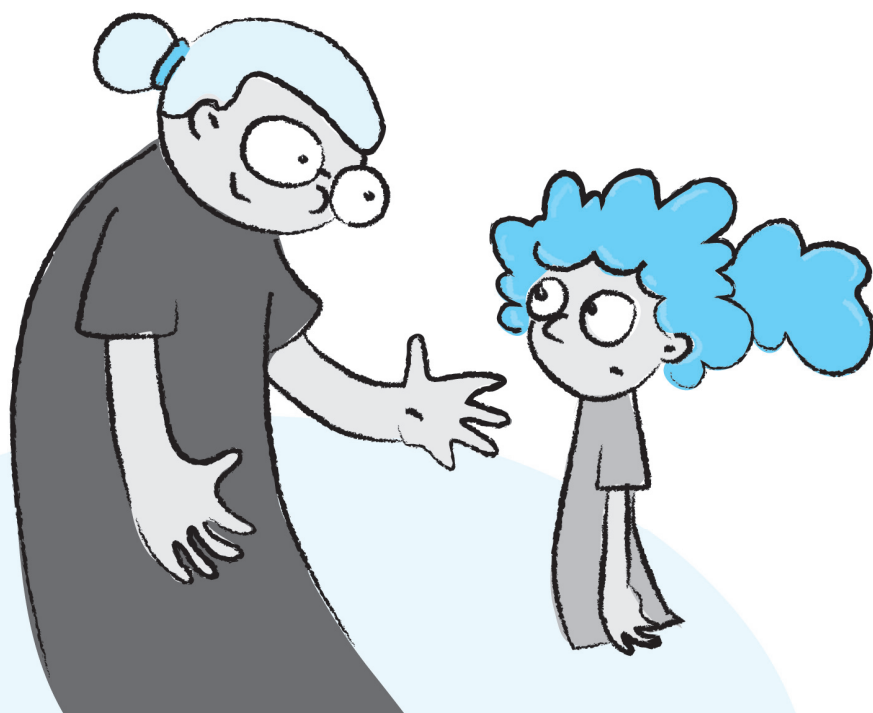
— Ah, minha filha. Fazia tempo que não chovia, e as pessoas vaiaram o sol, porque ele decidiu sair, acredita?

— Então você acha que o sol tá se vingando da gente? – Clara ponderou.

Talvez a vingança do sol fosse o que mais fizesse sentido em sua cabeça.



— Quem sabe, menina, quem sabe. Do jeito que estamos tratando a natureza, temos que ver que qualquer uma de nossas ações pode trazer terríveis consequências. Agora, nós precisamos lidar com elas. Se o mundo tiver mudado para sempre, amanhã a gente acorda e começa a aprender a viver com essas diferenças. Sem peixes, sem pássaros e sem ondas. Se for só um susto, a gente começa a pensar melhor antes de sermos egoístas e maltratar o mundo onde vivemos.



O silêncio era devastador. Nem Clara sabia o que responder. Estavam todos bastante pensativos sobre o que dona Mundica havia falado, a menina percebeu.

— Agora vamos todos lá para fora – a velha continuou a falar. Acho que ninguém quer perder o pôr do sol de hoje.

Clara e Bentinho saíram da igreja e tentaram se apertar do lado de fora. Tinha mais gente na rua, naquele dia, que no Réveillon do Aterro, certeza. Encontraram José, e Bentinho pegou o Miojo, que foi para seus braços muito relutante. Foram abrindo espaço até conseguir um lugar para ver o sol, que em breve iria se pôr, no leste. E esperaram com muita expectativa.

— Você acha que o mundo acaba agora ou só mais tarde? – Clara perguntou e o pai olhou feio para ela.

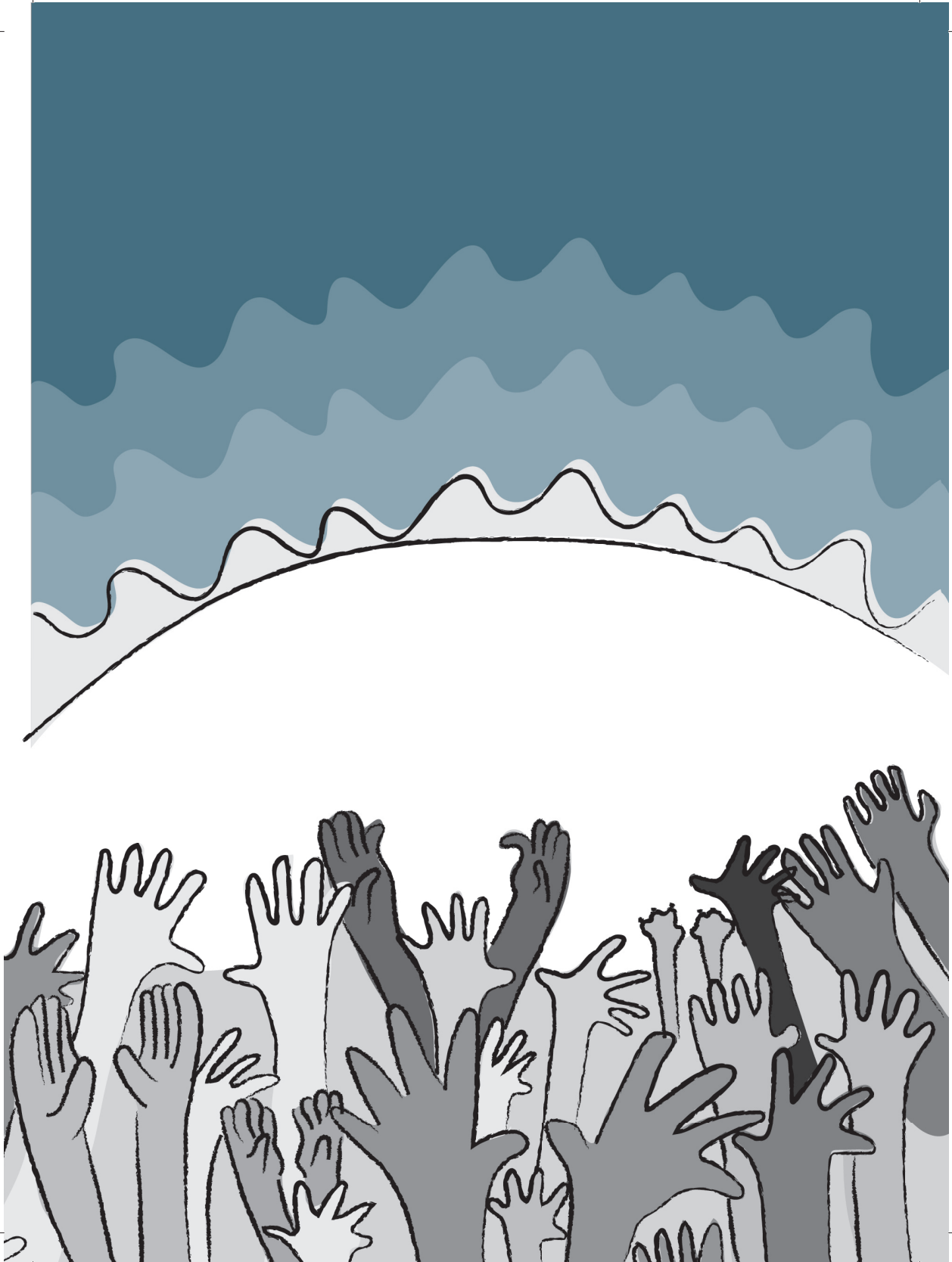
— Menina, já disse pra deixar disso. O mundo não vai acabar coisa nenhuma! – José falou, já quase irritado.

— Eu sei – Clara deu uma risadinha – eu só estava brincando.

O espetáculo começou, e, sinceramente, não seria nada muito diferente de qualquer outro pôr do sol, exceto que era. O sol estava se pondo ao leste. Observaram por vários minutos enquanto a grande bola de fogo desaparecia no horizonte. Será que amanhã viria novamente? Será que viria pelo leste ou pelo oeste?

De repente, quando restava apenas um pouco de luz e de sol, começaram as palmas. Primeiro, poucas, mas logo contagiaram a multidão e causou um efeito em cascata. Todas as pessoas ali presentes começaram a aplaudir o pôr do sol.





— Valha, pai. Tão batendo palma pro sol, igual fazem naquela praia famosa, como é o nome dela mesmo? – Clara perguntou, já se juntando nas palmas.

— Jericoacoara. Mas batem palma já aqui também, filha.

— Você acha que agora o sol vai perdoar a gente pelas vaias? – Clara indagou.

— Pelas vaias? – José estava confuso, afinal, não estivera na igreja para ouvir o discurso de dona Mundica.

— Nada não, pai.

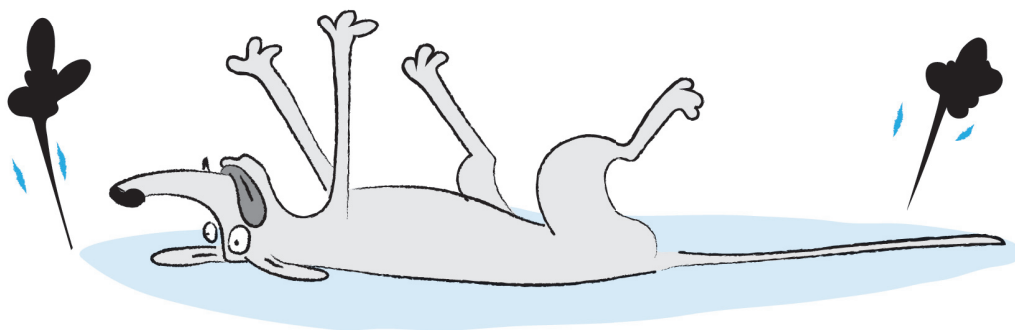
As palmas eram tantas e tão altas, que pareciam não ter fim. E, de fato, só tiveram quando a escuridão tomou conta e a lua apareceu.

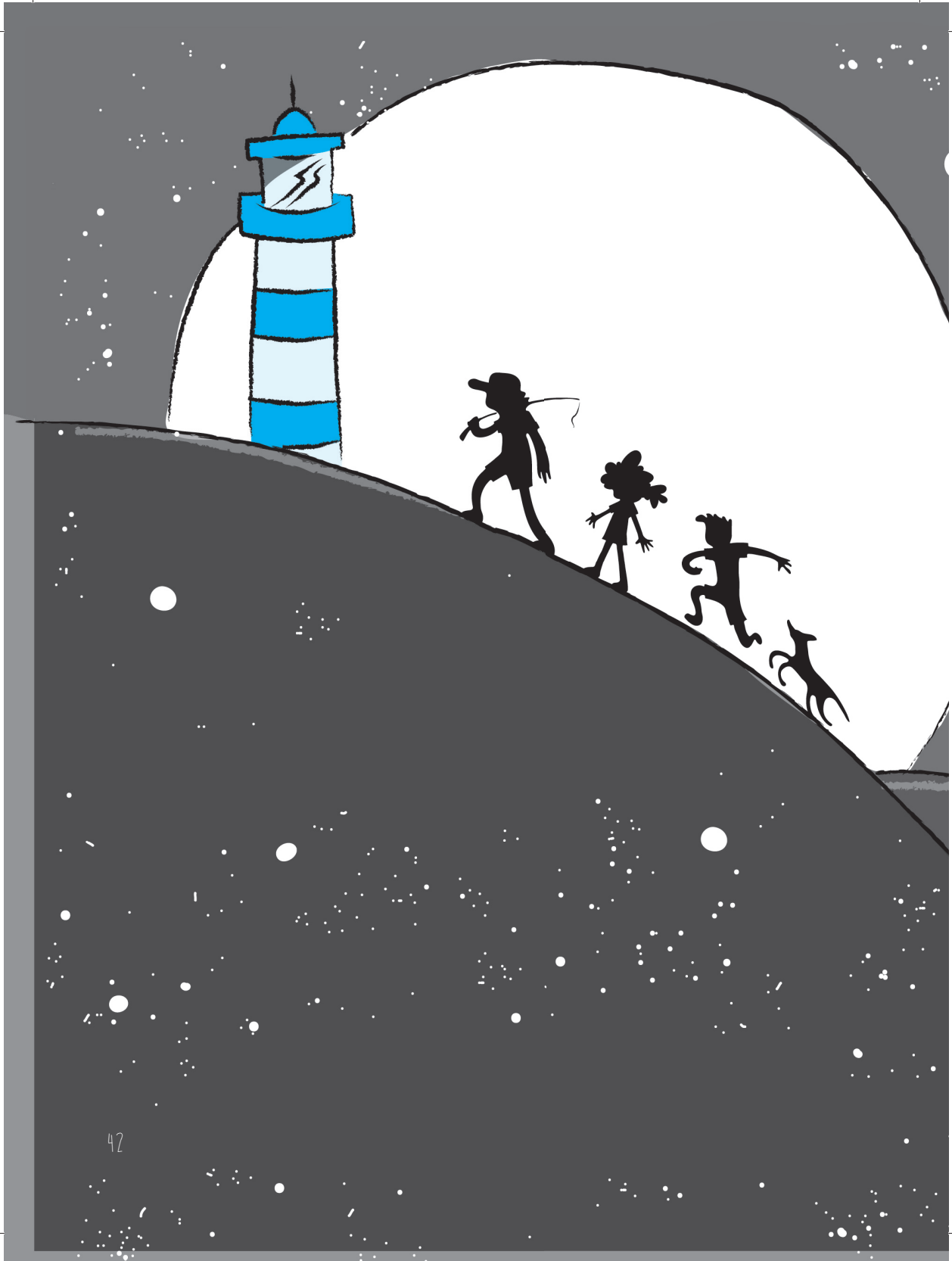
— Olhe! – Bentinho falou – o Miojo parou de rodar – ele apontou para o cachorro que tinha colocado no chão, que acabava de cair durinho.

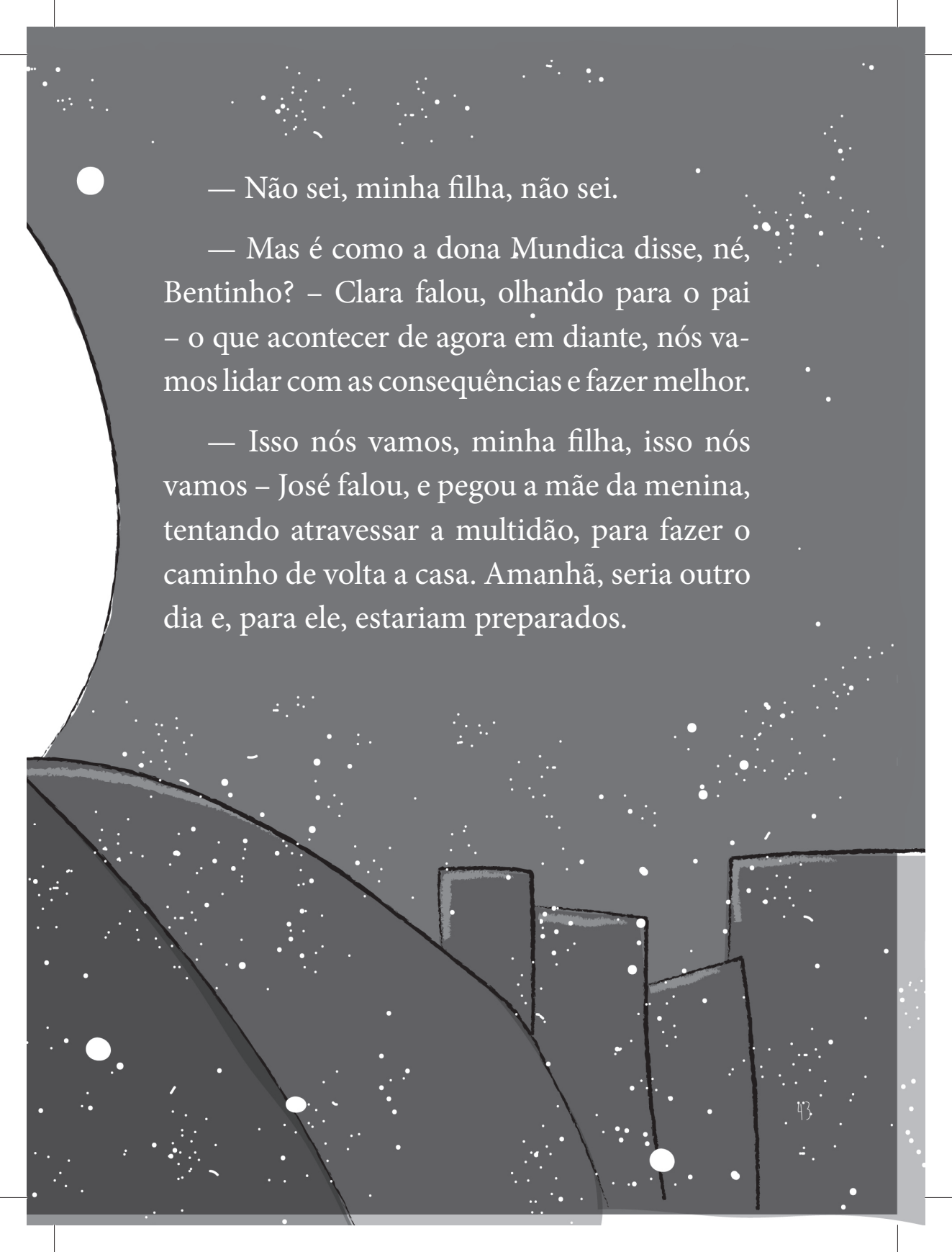
— Tem certeza que ele tá bem? – Clara perguntou.

— Já lhe disse, daqui a três minutos, ele acorda – Bentinho sorriu.

— Vocês acham que as coisas vão voltar ao normal? – a menina perguntou, olhando para o mar, que parecia se mover levemente. Não fazia ondas, mas não parecia mais tão parado como estava anteriormente.







— Não sei, minha filha, não sei.

— Mas é como a dona Mundica disse, né, Bentinho? – Clara falou, olhando para o pai – o que acontecer de agora em diante, nós vamos lidar com as consequências e fazer melhor.

— Isso nós vamos, minha filha, isso nós vamos – José falou, e pegou a mãe da menina, tentando atravessar a multidão, para fazer o caminho de volta a casa. Amanhã, seria outro dia e, para ele, estariam preparados.



Barbie Furtado

Bárbara Amaral de Andrade Furtado nasceu em Fortaleza há 30 anos e tem escrito histórias há mais ou menos uns 26. Formada em Letras Português - Inglês e com mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, trabalha como professora de inglês e tradutora, mas prefere estudar e pesquisar. Teve o conto “A Menina dos Olhos Dourados” publicado na coletânea Contos de Travessia em 2014 e “Loop” na coletânea Farol, em 2017. Estudou roteiro na New York Film academy, em Nova York, EUA, em 2018. Nas horas vagas, adora ver séries, comer bolo de chocolate, brincar com seus irmãozinhos, criar pratos diferentes na cozinha e fazer a família de cobaia, e, claro, escrever novas histórias — fazer literatura — para que a literatura seja liberdade, que os livros sejam sonhos e que os sonhos se tornem realidade.

Dedico este livro para as crianças que encontram nos livros o refúgio, que este seja um lugar seguro.



Emanuel Oliveira

Oi gente! Sou o Emanuel Oliveira. Nasci e sempre vivi em Fortaleza. Quando adolescente, fazia fanzines de quadrinhos para trocar pelos quadrinhos de amigos. Esse gosto pelo desenho me fez escolher a faculdade de Artes Visuais do IFCE. Fiz várias outras coisas: pintura, colagem, até escultura, mas sempre acreditei que o desenho era o começo de quase tudo. Assim, de desenho em desenho, cheguei à Coleção PAIC Prosa e Poesia da qual illustrei o irreverente livro “De um jeito que não era” e o misterioso “O segredo de Joãozinho”. Para mim, desenhar é trocar e misturar pensamentos com traços, transformar ideias lá do fundo da caixa em uma expressão de um universo maravilhoso de cores e linhas e liberdade. No mundo do desenho quem manda é nossa criatividade. Vamos ser livres. Sempre!

<http://www.behance.net/desenhosdoemanuel>

